

01/12/17

ATIVIDADES LÚDICAS PARA O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR DOS ALUNOS NO ENSINO INFANTIL

OLIVEIRA, Alan Wilhian¹

SILVA, Igor Marques²

ALVES JUNIOR, Luiz Carlos³

RESUMO: A Psicomotricidade Infantil é de suma importância para detectar os atrasos no desenvolvimento físico, motor, social, psicológico e cognitivo da criança. O objetivo do presente estudo foi identificar os benefícios das atividades lúdicas para o desenvolvimento psicomotor dos alunos no ensino infantil. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, embasada em livros e artigos científicos de revistas acadêmicas. Verificou-se um maior desenvolvimento no equilíbrio dinâmico e um menor desenvolvimento na lateralidade, onde as crianças tiveram dificuldade em reconhecer os lados direito e esquerdo. Conclui-se que as crianças estão em pleno desenvolvimento psicomotor e que as atividades físicas escolares devem ser abordadas de acordo com seu grau de maturação. Constatou-se que devemos respeitar e compreender as fases e estágios do desenvolvimento criança, para que a mesma compreenda as atividades de forma que melhorem seu cognitivo, sua socialização e suas capacidades motoras. A pesquisa foi realizada em uma escola privada de ensino infantil na cidade de Avaré. Foram avaliados nas aulas dez alunos, sendo 6 meninos e 4 meninas. Os alunos desenvolveram muito suas áreas psicomotoras, mas o que se destacou foi o equilíbrio dinâmico. Os resultados foram além do esperado, em que as crianças responderam muito bem aos nossos estímulos e conseguimos também melhorar o lado social e afetivo desses alunos.

Palavras-chave: Atividades lúdicas. Desenvolvimento psicomotor. Ensino infantil.

1. INTRODUÇÃO

Em certos momentos do jogo lúdico a criança aprende, podendo beneficiar o desenvolvimento psicomotor e cognitivo. As atividades lúdicas abordam a imaginação, a interpretação, a tomada de decisão e a criatividade, pois essas atividades irão mostrar certos conflitos em seu decorrer e instigar as crianças a aprender de uma forma mais eficiente. Destaca-se que uma criança que não sabe

¹ Acadêmico do Curso de Educação Física da FIRA-Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 - Avaré-SP. Email- alan_guh@outlook.com

² Acadêmico do Curso de Educação Física da FIRA-Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 - Avaré-SP. Email- igormarquessilva@outlook.com

³ Orientador Professor Titular da FIRA-Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 - Avaré-SP - Brasil – Licenciado e Bacharelado em Educação Física pela FIRA – Avaré.

brincar ou não foi estimulada na infância, será um adulto que não saberá pensar (CHATEAU, 1987).

Usamos nosso corpo como várias formas de expressão. A criança aprende a cultura corporal e desenvolve equilíbrio, ritmo, resistência, velocidade, força e flexibilidade corporal, principalmente por meio de jogos, brincadeiras, danças e eventos culturais, por isso a atividade lúdica é de suma importância para o desenvolvimento psicomotor na infância. Comenta-se que educar é ir em direção a alegria, e que as atividades lúdicas fazem com que as crianças aprendam de forma alegre e prazerosa (SNEYDERS, 1996).

Embasado nesse contexto, levantou-se algumas indagações: Como a atividade lúdica pode ajudar no desenvolvimento psicomotor da criança? Qual a metodologia que devemos adotar nas aulas de educação física para enfatizar o desenvolvimento psicomotor dos alunos durante as atividades lúdicas?

As atividades lúdicas possuem como objetivo o desenvolvimento psicomotor da criança e devem ser aplicadas de uma forma compatível com a sua idade, com o tempo acrescentando desafios para estimular novos movimentos, visando a coordenação motora (grossa e fina), equilíbrio (estático e dinâmico), orientação espacial e temporal, esquema corporal, lateralidade e percepção (DOHME, 2003). No ensino infantil, podem-se adaptar qualquer atividade lúdica desde que a faixa etária dos alunos e seu estágio de desenvolvimento psicomotor esteja em harmonia e maduro para a realização dos movimentos exigidos durante a aula. Deve-se também pensar na utilização dos materiais, já que os mesmos nem sempre se encontram com variedade e grande quantidade na realidade das escolas.

O objetivo geral deste estudo foi identificar os benefícios das atividades lúdicas para o desenvolvimento psicomotor dos alunos no ensino infantil.

Através das atividades lúdicas e dos estudos bibliográficos é possível se diagnosticar qualquer atraso motor que a criança apresente, pois cada idade tem seu estágio de aprendizado psicomotor. Esse tema é de grande importância para os professores da área do ensino infantil e educação física, pois irá apontar os benefícios das atividades lúdicas para o desenvolvimento psicomotor.

A pesquisa é classificada como exploratória, pois envolve um levantamento bibliográfico visando proporcionar maior familiaridade com o tema. Será realizada além da revisão bibliográfica, uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa,

identificando e analisando dados, através da observação da população selecionada e estudada (RICHARDSON, 2007).

A fundamentação teórica deste artigo estrutura-se da seguinte maneira: primeiramente será apresentado os conceitos e as definições básicas das atividades lúdicas, em seguida abordaremos as características dos alunos do ensino infantil, sendo elas físicas, sociais, cognitivas e psicológicas. Posteriormente iremos relacionar a psicomotricidade com o desenvolvimento infantil, onde enfatizará as áreas psicomotoras da criança. No último capítulo encontram-se algumas atividades lúdicas e suas influências no desenvolvimento da psicomotricidade infantil.

2. CONCEITOS E DEFINIÇÕES DE ATIVIDADES LÚDICAS

O ato de brincar é um papel de extrema importância na infância, pois é brincando que a criança aprende e desenvolve suas capacidades motoras e psicomotoras, onde irá relacionar tudo aquilo que vivencia com o que observa a sua volta, estabelecendo as relações necessárias para a aquisição do conhecimento. A partir disso ela criará seu próprio universo e conseguirá absorver o conhecimento que precisa, por isso devemos estar sempre estimulando a criança para que ela alcance seu estágio motor adequado para a idade (MARINHO, 2007).

As crianças sempre utilizam o brinquedo para demonstrar suas emoções, imaginar um mundo a seu modo e, dessa forma, ficam curiosas pelo universo dos adultos. Elas já nascem em um meio cheio de regras sociais e o seu "eu" deve adaptar-se a essas normas. Na brincadeira, ocorre um processo diferente: são as normas que se encaixam em seu mundo criado pela imaginação. Não há fuga da realidade, mas, uma busca por descobri-la cada vez mais. No brincar, a criança constrói e reconstrói um mundo onde seu espaço esteja sempre garantido. As pressões que as crianças sofrem no seu dia-a-dia são compensadas por sua capacidade de imaginar, assim, fantasias de super-heróis, por exemplo, são construídas (MELO; VALLE, 2005).

A ludicidade se define pelas ações do brincar que são organizadas em 3 eixos: o jogo, o brinquedo e a brincadeira. Ensinar por meio da ludicidade faz parte da vida do ser humano e que, por isso, traz referências da própria vida do sujeito (RAU, 2011, p.31).

Ludicidade são atividades que estimulam a liberdade e espontaneidade da criança, fazendo com que ela imagine um mundo novo, faz com que a criança aprenda brincando e explorando o mundo ao seu redor com outros olhos (HUIZINGA, 2004).

Nos últimos anos as atividades lúdicas conquistaram um espaço no panorama educacional, uma vez que o jogo, o brinquedo e a brincadeira são a essência da infância, e utilizá-los permite a produção e o desenvolvimento do conhecimento da criança (CORRÊA, 2003).

Em determinados momentos dos jogos o indivíduo aprende, de maneira formal ou informal, pois o jogo melhora a capacidade no ensino-aprendizagem, no desenvolvimento psicomotor e também no desenvolvimento cognitivo dos alunos. Uma vez que com atividades lúdicas, é possível estimular à imaginação, a interpretação, a tomada de decisão, a criatividade, o levantamento de hipóteses, aplicação dos fatos, pois quando se trabalha com jogos os participantes depara-se com regras e conflitos dentro da competição, assim melhora sua compreensão do jogo e aguça seu cognitivo (PINHO, 2009).

Sabe-se que o ato de brincar da criança, muito mais que "garantia" legal, une-se às comprovações científicas, revestindo-se de total importância para o seu desenvolvimento bio-psíquico e afetivo-social (CORRÊA, 2003, p.26).

Neste capítulo falamos sobre a importância da atividade lúdica para o desenvolvimento psicomotor da criança quando aplicamos tal atividade com determinado objetivo. A atividade lúdica faz com que a criança aprenda com alegria e melhore seu aprendizado. No próximo capítulo vamos abordar as características físicas das crianças, que mostram algumas mudanças no corpo e habilidades motoras, características cognitivas, que envolvem a melhora na aprendizagem, memória e raciocínio e características psicossociais que enfatizem a relação com outras crianças e a sociedade.

3. CARACTERÍSTICAS DOS ALUNOS DO ENSINO INFANTIL

Segundo Papalia e Olds (2000), as mudanças ocorridas na infância são as mais grandiosas e aceleradas do que qualquer outra que venha a ocorrer no futuro. Dos três aos seis anos as crianças vivem a segunda infância, período que corresponde aos anos pré-escolares, onde nesta fase, a aparência das crianças

muda, suas habilidades motoras e mentais florescem e sua personalidade torna-se mais complexa. À medida que os músculos passam a ter controle mais consistente, as crianças podem atender mais suas necessidades pessoais, como a higiene, adquirindo maior senso de independência.

Ainda os mesmos autores afirmam que o desenvolvimento ocorre em vários domínios – físico, cognitivo e psicossocial – e as mudanças que ocorrem em cada uma destas fases afetam as demais. O desenvolvimento físico envolve algumas mudanças que ocorrem no corpo, no cérebro, na capacidade sensorial e nas habilidades motoras. O desenvolvimento cognitivo refere-se às mudanças que ocorrem na capacidade mental, como a aprendizagem, a memória, o raciocínio, o pensamento e a linguagem. O desenvolvimento psicossocial está relacionado com a capacidade para interagir com o meio através das relações sociais, que proporciona a formação da personalidade e a aquisição de características próprias.

Segundo Gallardo (2003), a infância é caracterizada por objetivar as aquisições fundamentais para o restante do desenvolvimento humano, pois é nessa fase da vida que o indivíduo forma a base motora para a realização de movimentos mais complexos futuramente. Neste momento é importante que a criança tenha um bom acompanhamento e estímulo no seu desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial.

Conforme Barreto (2000), o desenvolvimento psicomotor é de suma importância na prevenção de problemas da aprendizagem e na reeducação do tônus, da postura, da direcionalidade, da lateralidade e do ritmo. A educação da criança deve evidenciar a relação através do movimento de seu próprio corpo, levando em consideração sua idade, a cultura corporal e os seus interesses. Essa abordagem constitui o interesse da educação psicomotora, que para ser trabalhada, necessita que sejam utilizadas as funções motoras, cognitivas, perceptivas, afetivas e sociomotoras.

3.1 Características físicas

Algumas das características físicas do crescimento é dado pelo estado de saúde e o fator nutricional é muito importante para que ela se desenvolva melhor, sendo afetado pelos fatores genéticos e ambientais.

O desenvolvimento motor é um processo de mudanças do indivíduo, onde ele terá uma capacidade maior em controlar certos movimentos que ele irá adquirir ao longo do tempo, isso a criança só irá adquirir com o tempo e as atividades certas, com isso a sua capacidade física só irá se aperfeiçoar (INAN, 1990).

3.2 Características sociais

Fuentes (1992) indica que o desenvolvimento social da criança é uma etapa complexa e permanente desde o começo da vida, no qual influenciam várias condições, sendo uma das mais importantes a atividade física realizada de maneira informal do começo ao final da vida. Com essa atividade física está relacionada a brincadeira que ocupará bastante tempo na infância a fim de dar lugar ao esporte, no qual se manifesta o grau de socialização alcançado através de condutas de colaboração.

Orlick (1990) afirma que jogar é o meio mais propício para uma criança ter uma aprendizagem social positiva, pois é natural, ativo e muito motivador para a maior parte das crianças. As brincadeiras envolvem de modo constante as pessoas nos processos de ação, reação, sensação e experimentação. Mas, é claro que o professor deve ficar atento e corrigir na hora certa os comportamentos sentimentais das crianças durante os jogos, pois se uma delas interromper esse jogo, partindo para a agressão física, trapaças ou ao jogo sujo, estará prejudicando sua própria vida.

3.3 Características cognitivas

Segundo Neto (1999) a teoria cognitiva de Piaget está diretamente relacionada com o desenvolvimento cognitivo da criança. Ele defende a ideia de que a criança passa por uma série de estágios distintos do desenvolvimento cognitivo e, que na atividade lúdica, o comportamento corresponde ao estágio do desenvolvimento.

A escola tem um papel fundamental na aprendizagem da criança, ela deve estimular a criança de modo que instigue sua capacidade cognitiva, fazendo com que a criança explore, crie e desenvolva tal habilidade. Dessa modo, a escola irá proporcionar o meio para a criança desenvolver e expandir seu potencial,

melhorando a formação da criança em cada fase de desenvolvimento (CURTISS, 1988).

3.4 Características psicológicas

Erikson (1980), examinou a contribuição para o desenvolvimento normal da personalidade. Segundo o autor, o jogo desenvolve-se através de três estágios: auto esfera – atividade lúdica predominantemente exploratória; microesfera – atividade lúdica que se caracteriza pela manipulação de objetos e busca de descoberta dos traços, funções e regras; macro esfera – contato da criança com os outros e com as suas vivências.

Através do jogo a criança cria uma situação modelo que a ajuda a dominar as demandas da realidade (NETO, 1999).

4. DESENVOLVIMENTO INFANTIL E PSICOMOTOR

Segundo Vygotsky (1998), se quisermos entender o desenvolvimento da criança devemos levar em conta as necessidades que elas terão, e também teremos que saber como incentivá-las com eficácia para colocá-las em ação. O avanço nesse desenvolvimento está ligado nas mudanças das motivações e incentivos, por que o que usaremos para um bebê não usaremos para uma criança, os interesses mudam frequentemente.

Para Oliveira (1995), as crianças menores tem um comportamento mais fortemente determinado pelas características das situações mais concretas em que se encontram. As crianças menores sempre precisam de algo de imediato, nunca iremos encontrar uma criança com menos de 3 anos de idade que planeje fazer algo para um futuro próximo. O intervalo do desejo e da satisfação delas são muito curto, já as crianças um pouco maior, da idade pré-escolar, já estão sujeitas a desejar coisas que são impossíveis de se realizar imediatamente.

Vygotsky (1998) ainda conclui que o brinquedo surge dessas necessidades que não são realizáveis de imediato. Para o adulto resolver essa tensão que a criança gera quando não se é atendido seu pedido, o brinquedo entra como modo de solução para a não realização de seu desejo, a criança se envolve em um mundo

ilusório e imaginário onde seus anseios podem ser realizados no momento em que quiser, esse mundo é o brincar.

A criação de uma situação imaginária não é algo fortuito na vida da criança; pelo contrário, é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais. O primeiro paradoxo contido no brinquedo é que a criança opera com um significado alienado numa situação real. O segundo é que, no brinquedo, a criança segue o caminho do menor esforço – ela faz o que mais gosta de fazer, porque o brinquedo está unido ao prazer – e ao mesmo tempo, aprende a seguir os caminhos mais difíceis, subordinando-se a regras e, por conseguinte renunciando ao que ela quer, uma vez que a sujeição a regras e a renúncia a ação impulsiva constitui o caminho para o prazer do brinquedo (VYGOTSKY, 1998, p. 130).

4.1 Áreas psicomotoras

Para Fonseca (1987), Psicomotricidade é uma ciência, ou uma técnica na qual se cruzam ou se reencontram vários pontos de vista e que utilizam aquisições de outras ciências constituídas, considerando o ser humano como um todo, na relação com o meio que está, a psicomotricidade tem a função de estabelecer um vínculo entre todas essas ciências (biologia, psicologia, psicanálise, sociologia e linguística).

Segundo o mesmo autor, com a revisão da literatura na área de psicomotricidade, foi possível chegar a uma classificação de algumas funções psicomotoras, destacando-se:

- Esquema Corporal: compreende a imagem do corpo e suas partes;
- Tônus da postura: compreende-se como tensão dos músculos, pela qual as posições relativas das diversas partes do corpo são mantidas corretamente e que se opõem as modificações passivas dessa posição;
- Motricidade Ampla: define-se com vistas à execução de movimentos amplos, envolvendo principalmente o trabalho de membros inferiores e superiores do tronco;
- Motricidade Fina: é o trabalho de forma ordenada dos pequenos músculos, envolvendo atividades manuais, digital, ocular, labial e lingual;
- Ritmo: tratando-se de movimento, o ritmo é definido como ordenação específica de um ato motor;
- Equilíbrio: considera-se como a capacidade de manter-se sobre uma base reduzida de sustentação do corpo

Pode-se afirmar que a psicomotricidade é a educação do homem pelo movimento. Para ela o esquema corporal se forma pela organização das sensações relativas ao corpo que estão relacionadas.

4.1.2 Coordenação dinâmica global

Segundo Santos, Dantas e Oliveira (2004) na infância, o desenvolvimento motor se dá pela aquisição de um amplo aspecto de habilidades motoras, a criança começa a conhecer o seu corpo em diferentes posturas, ela se conhece pelo ambiente e pelas formas que conhece de se locomover e manipular objetos e instrumentos diversos. A cultura exige muito da criança nos primeiros anos de vida, particularmente no início do processo da escolarização.

Ainda os mesmos autores afirmam que esse período do desenvolvimento infantil, a criança está conquistando o controle de suas habilidades e o controle motor, que o equilíbrio e a coordenação são de fundamental valor para seu desenvolvimento motor.

4.1.3 Coordenação fina

As habilidades motoras finas são de extrema importância, é trabalhada em pequenos gestos como abotoar camisas e desenhar figuras, envolvem a coordenação de músculos pequenos e coordenação entre olhos e mãos. Estas habilidades permitem as crianças um maior senso de responsabilidade e cuidado pessoal. Aos três anos uma criança é capaz de desenhar um círculo e uma pessoa rudimentar. Aos quatro anos a criança é capaz de recortar sobre uma linha, desenhar uma pessoa razoavelmente completa e fazer desenhos e letras grosseiras. E aos cinco anos, a criança é capaz de se vestir sem muita ajuda, copiar um quadrado ou um retângulo e desenhar uma pessoa mais detalhada do que antes (PAPALIA; OLDS, 2000).

O período da alfabetização é um momento que existiu uma sobrecarga na criança para ocorrer a aprendizagem da leitura e escrita. Nessa aprendizagem irá envolver as habilidades cognitivas, linguísticas e motoras que exigem os componentes sensório-motores e perceptivos, ou seja, a capacidade de

decodificação das palavras e a ação motora adequada para a execução do ato motor da escrita (CAPPELINI; SOUZA, 2008).

4.1.4 Equilíbrio estático e dinâmico

Na visão de Fonseca (1995), entendemos que o equilíbrio é a condição básica da organização psicomotora, que envolve ajustes posturais da gravidade, dando suporte as respostas motoras, reunindo aptidões estáticas e dinâmicas, ou seja, você estar parado já está em equilíbrio estático e o equilíbrio dinâmico nada mais é que desafiar a gravidade e ficar parado com o peso do corpo em uma só perna.

Segundo Bueno (1998), o equilíbrio é responsável pela noção e distribuição de peso em relação ao espaço, tempo e eixo de gravidade.

4.1.5 Orientação espacial e temporal

Fonseca (1995), a estruturação espaço-temporal é a integração de duas estruturas diferente que tem o seu desenvolvimento próprio, de um lado a estrutura espacial que é localização do indivíduo com o ambiente (espaço físico), e do outro a estrutura temporal, sendo a forma como um indivíduo percebe o tempo (tempo do acontecimento).

Para Coste (1989), a orientação espacial permite não só movimentar-se e reconhecer-se no espaço, mas também dar sequência aos seus gestos, localizar as partes de seu corpo e situá-las no espaço. Assim como a orientação temporal te permite executar certas tarefas e saber que cada uma delas necessita de um tempo para serem feitas, tudo tem seu tempo e seu espaço e devemos movimentarmos num determinado ritmo.

4.1.6 Lateralidade

Continuando temos ainda a lateralidade, que segundo Fonseca (1995), resulta numa integração sensório-motora bilateral do corpo, que corresponde a todas as formas de orientação do indivíduo tanto para o lado direito e esquerdo.

Ainda segundo Fonseca (1988), a lateralidade constitui um processo importantíssimo entre às relações da motricidade e da organização psíquica intersensorial, tal como representa a conscientização integrada e simbolicamente interiorizada dos dois lados do corpo, lado esquerdo e lado direito, o que pressupõe a noção da linha média do corpo. Desse modo vão decorrer, então, as relações de orientação face aos objetos, às imagens e aos símbolos, razão pela qual a lateralidade vai interferir nas aprendizagens escolares de uma maneira decisiva.

4.1.7 Esquema corporal

Amaro (2010) afirma que, para a Psicologia moderna, a noção do corpo é definida como esquema corporal e envolve o reconhecimento do corpo em si, de postura correta e do posicionamento dos seus segmentos. O esquema corporal é resultado da união de várias informações obtidas pelas inúmeras experiências corporais, relaciona-se à atividade motora e revela-se pelo movimento e no movimento.

Freitas (2008) refere que a representação que a criança possui do seu próprio corpo é um elemento indispensável na formação de sua personalidade, através desse conhecimento ela terá uma visão diferente de si mesmo. Para a autora, estudar o corpo, o esquema corporal e imagem corporal são particularmente importantes àqueles que se dedicam ao estudo da cognição humana, do ensino e da aprendizagem.

4.1.8 Percepção

Le Boulch (1982) define que a percepção do espaço se dá a partir das relações de vizinhança, isto é, a proximidade dos elementos percebidos no mesmo campo, ou seja, pode ser a resposta a um estímulo dado por outra pessoa, ressaltando a importância do contato da criança com outros ambientes além de casa e da escola.

Segundo Fonseca (1995), a percepção espacial deve estar bem definida até os três anos de idade. A percepção corporal relaciona a presença do corpo no ambiente à sensação que o indivíduo tem dessa presença. A percepção também pode ser trabalhada através de estímulos.

Segundo Vygotsky (1984) o ato de brincar tem um papel muito relevante na constituição do pensamento infantil, é brincando que a criança irá revelar o estado cognitivo, visual, auditivo, tátil e motor. A criança reproduz através da brincadeira o seu pensamento, a linguagem tem um papel no desenvolvimento cognitivo dela.

A brincadeira cria para as crianças uma "zona de desenvolvimento proximal" que não é outra coisa senão a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível atual de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema de orientação de um adulto ou a colaboração de um companheiro mais capaz (VYGOTSKY, 1984, p.97).

Para Piaget (1975) o desenvolvimento não é linear e sim evolutivo e, nesse trajeto, a imaginação se desenvolve. Toda vez que a criança brinca ela desenvolve a capacidade para determinado tipo de conhecimento, e ela dificilmente irá perder esta capacidade. É com a formação de tais conceitos que se dá a verdadeira aprendizagem e no brincar está um dos maiores e melhores espaços para a formação de conceitos.

As contribuições das atividades lúdicas no desenvolvimento integral indicam que elas contribuem poderosamente no desenvolvimento global da criança e que todas as dimensões estão intrinsecamente vinculadas: a inteligência, a afetividade, a motricidade e a sociabilidade são inseparáveis, sendo a afetividade a que constitui a energia necessária para a progressão psíquica, moral, intelectual e motriz da criança (NEGRINE, 1994, p.19).

Segundo Oliveira (2000), o brincar não significa apenas se divertir sem fundamento e razão, caracterizando-se como uma das formas mais complexas da criança em comunicar-se consigo mesma e com o mundo, ou seja, o desenvolvimento dá-se por meio de trocas experimentais mútuas estabelecidas durante toda sua vida. Assim, através do brincar, a criança pode desenvolver capacidades importantes, como, por exemplo, a atenção, a memória, a imitação, a imaginação, entre outros, que propiciam à criança o desenvolvimento de determinadas áreas da personalidade como a afetividade, motricidade, inteligência, sociabilidade e criatividade.

5. DIMENSÕES DE CONTEÚDOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Coll et al. (2000) definem conteúdo como uma seleção de formas ou saberes culturais, conceitos, explicações, raciocínios, habilidades, linguagens, valores,

crenças, sentimentos, atitudes, interesses entre outros, dessa forma evidenciando que tudo isso é essencial para produzir o desenvolvimento e a socialização mais eficaz para os alunos.

Segundo Zabala (1998) se ampliarmos o conceito de conteúdo, de acordo com o que se tem que aprender, não irão abordar apenas as características cognitivas e sim todas as demais capacidades.

5.1 Conceitual

Darido (2007) fala da importância do componente curricular Educação Física destacar que também é direito do aluno aprender o porquê de estar realizando determinado movimento.

Essa dimensão refere-se à abordagem de regras, técnicas, estética, desempenho, satisfação e eficiência (BRASIL, 1998).

5.2 Procedimental

Mesquita (2006) traz uma proposta pedagógica para o ensino específico de determinada modalidade esportiva, utilizando jogos reduzidos, a criança terá maior contato com a atividade e com isso irá compreender mais rápido o que foi passado para fazer e com isso o aluno terá uma motivação maior para realizar os gestos específicos.

A dimensão procedimental é o conteúdo que o professor ensina, que não se dá apenas pelas habilidades motoras, mas também pela organização, sistematização de informações e aperfeiçoamento (BRASIL, 1998).

5.3 Atitudinal

Segundo Freire e Scaglia (2003) qualquer outro conteúdo da Educação Física deve estimular o aluno a tomada de consciência, fazendo com que o mesmo aprenda e compreenda de seu modo a atividade proposta, e só será possível essa compreensão através da prática.

Essa dimensão inclui não somente a evidencia das normas impostas pelo professor, mas também a vivência durante as aulas, enfatizando a cooperação (BRASIL, 1998).

6. MATERIAIS E MÉTODOS

6.1 Amostra

O estudo foi realizado em uma escola privada de Ensino Infantil com alunos do Jardim II, na cidade de Avaré-SP. O procedimento experimental foi composto por uma amostra de dez crianças, sendo 6 meninos e 4 meninas com faixa etária entre 4 e 5 anos. As aulas aconteceram no período da tarde sendo realizadas uma vez por semana com duração de 50 minutos. Foram adotados como critérios de inclusão que os alunos estivessem matriculados regularmente na escola; podendo realizar no máximo 2 faltas durante o período do experimento; as crianças que obtiveram autorização dos pais ou responsáveis. Como critério de exclusão foram considerados os seguintes itens: alunos transferidos do período da tarde para o período da manhã; alunos que realizaram mais de 2 faltas durante o período do experimento; crianças sem autorização dos pais e responsáveis; crianças com doenças degenerativas, síndromes neurológicas e com diagnósticos estabelecidos de lesão cerebral. Entrou-se em contato com os representantes legais das crianças a fim de que fosse esclarecido o estudo, foram informados e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da pesquisa (ANEXO I) e posteriormente as crianças assinaram o Termo de Assentimento (ANEXO II) mediante a presença dos Pais ou Responsáveis.

6.2 Instrumentação

O procedimento experimental foi realizado em uma sala de ginástica, localizada na escola. O local possui 25 metros de comprimento, 15 metros de largura e 10 metros de altura. A sala era coberta e o piso emborrachado. A temperatura era ambiente, sendo que em caso de calor foi utilizado 4 ventiladores instalados no local para amenizar a temperatura. Os materiais utilizados na avaliação psicomotora foram: uma fita crepe, 1 tatame, 2 caixas de papelão tamanho médio e 3 bolas de tênis. Nas aulas durante o período do experimento foram

utilizados os seguintes materiais: bola suíça, bola de borracha para iniciação, arcos, step, bexigas, bastões, trave de equilíbrio e som com músicas infantis.

6.3 Procedimento experimental

As aulas avaliativas, tanto iniciais quanto finais, foram realizadas da seguinte maneira: os alunos permaneceram em pé em uma única fila e cada um realizava as tarefas exigidas nos estágios. No primeiro estágio o aluno deveria andar sobre uma linha reta no chão feita com fita crepe com três metros de comprimento, tentando se equilibrar. No segundo estágio o aluno deveria deitar em decúbito dorsal e rolar de uma lateral da superfície do tatame até a outra, que possuía três metros de comprimento por um metro de largura, controlando o seu corpo. No terceiro estágio o aluno deveria permanecer em cima de uma linha reta, feita de fita crepe que ali estavam três bolas de tênis e há dois metros de distância estavam duas caixas de papelão juntas uma da outra, logo em seguida os alunos arremessaram as três bolas de tênis nas caixas (uma por vez) tentando acertar em uma das caixas. No último estágio separamos as duas caixas de papelão e retiramos uma bola de tênis, foram dados dois comandos aos alunos, quando eles iriam arremessar a primeira bola um professor falava um lado, direito ou esquerdo e com a outra bola o procedimento era repetido novamente. Esse comando não deveria ser sinalizado pelo professor, apenas falado. O objetivo não era que o aluno acertasse a bola dentro da caixa, e sim, que ele soubesse diferenciar o lado esquerdo do direito.

As aulas ministradas durante o período experimental foram elaboradas enfatizando as áreas psicomotoras exigidas na avaliação inicial e final. As estruturas das aulas foram: aquecimento, parte principal e volta à calma.

O aquecimento era realizado sempre com uma atividade lúdica que fizesse o aluno preparar o seu corpo fisiologicamente e psicologicamente para a aula. A parte principal era composta por um circuito psicomotor com a utilização de alguns materiais, tais como: bola suíça, bola de borracha para iniciação, arcos, step, bexiga, bastão, trave de equilíbrio e som com músicas infantis. Nas aulas sempre enfatizávamos as áreas da psicomotricidade sem esquecer-se do caráter lúdico, fazendo com que o aluno imaginasse algo prazeroso e divertido. A volta à calma era elaborada com atividades tranquilas, voltadas à socialização e afetividade dos alunos.

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Abaixo se encontram as tabelas da avaliação realizada com os alunos nas duas aulas avaliativas (pré e pós-intervenção). Elas apresentam um conceito avaliativo para cada área psicomotora enfatizada nas atividades realizadas.

TABELA 1 – Aula avaliativa pré-intervenção

	CDG	CF	EE	ED	OE	OT	L	EC	P
Aluno 01	S	S	MS	R	S	S	R	S	S
Aluno 02	R	R	MS	R	S	R	R	R	S
Aluno 03	R	R	MS	R	R	R	S	S	S
Aluno 04	R	S	MS	R	S	S	R	S	S
Aluno 05	S	S	MS	S	S	S	S	S	S
Aluno 06	R	R	MS	S	S	S	R	R	S
Aluno 07	R	R	MS	S	S	R	S	R	R
Aluno 08	S	MS	MS	S	S	S	S	S	S
Aluno 09	R	R	MS	S	R	R	R	R	S
Aluno 10	S	S	MS	S	S	S	S	S	S

LEGENDA: MS = MUITO SATISFATÓRIO, S = SATISFATÓRIO, R = REGULAR e I = INSATISFATÓRIO

CDG=COORDENAÇÃO DINÂMICA GLOBAL, CF=COORDENAÇÃO FINA, EE=EQUILIBRIO ESTÁTICO, ED=EQUILIBRIO DINÂMICO, OE= ORIENTAÇÃO ESPACIAL, OT=ORIENTAÇÃO TEMPORAL, L=LATERALIDADE, EC=ESQUEMA CORPORAL E P=PERCEPÇÃO

Segundo Fonseca (1988) a psicomotricidade vê o ser humano como um todo e aprimora seus movimentos. Na aula avaliativa pré-intervenção conseguimos perceber que todas as crianças tiveram dificuldade em executar determinada tarefa, ou seja, com as atividades avaliativas percebemos que elas estão em pleno

desenvolvimento e que precisariam aprimorar suas áreas psicomotoras para atingir um nível de maturação ideal, seja ela física, motora, social, cognitiva, afetiva e psicológica.

TABELA 2 – Aula avaliativa pós-intervenção

	CDG	CF	EE	ED	OE	OT	L	EC	P
Aluno 01	S	R	MS	R	S	S	S	S	S
Aluno 02	S	S	MS	S	S	S	R	S	S
Aluno 03	S	S	MS	S	S	S	S	S	S
Aluno 04	S	S	MS	S	S	S	S	S	S
Aluno 05	MS	S	MS	MS	MS	S	R	S	S
Aluno 06	S	S	MS	MS	S	S	R	S	S
Aluno 07	S	S	MS	MS	MS	S	S	S	S
Aluno 08	S	MS	MS	MS	MS	S	S	MS	S
Aluno 09	S	R	MS	S	S	R	R	S	S
Aluno 10	S	MS	MS	S	S	S	S	MS	S

LEGENDA: MS = MUITO SATISFATÓRIO, S = SATISFATÓRIO, R = REGULAR e I = INSATISFATÓRIO

CDG=COORDENAÇÃO DINÂMICA GLOBAL, CF=COORDENAÇÃO FINA, EE=EQUILIBRIO ESTÁTICO, ED=EQUILIBRIO DINÂMICO, OE= ORIENTAÇÃO ESPACIAL, OT=ORIENTAÇÃO TEMPORAL, L=LATERALIDADE, EC=ESQUEMA CORPORAL E P=PERCEPÇÃO

Na aula avaliativa pós-intervenção podemos ver muitos resultados positivos dos alunos. Percebemos uma evolução em seus movimentos de acordo a maturação de cada um e foram até além de nossas expectativas, realizando as atividades de forma correta, além de tudo e mais importante, conseguiram assimilar as tarefas exigidas.

Os alunos tiveram grandes avanços, comparando as duas tabelas podemos avaliar que a área psicomotora com diferença significativa foi o equilíbrio dinâmico.

Fonseca (1995) diz que o equilíbrio é a função básica da organização psicomotora, com as atividades dadas vimos que os alunos nos deram respostas motoras positivas, com isso conseguimos melhorar os movimentos dos alunos.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicomotricidade basicamente é a relação da criança com o movimento no seu mundo externo e interno, também fazendo parte as características motoras, sociais e cognitivas. Essas características devem ser enfatizadas em conjunto para se concretizar uma educação psicomotora aprimorada. Com isso também usamos as atividades lúdicas que apresentam inúmeros benefícios às crianças, proporcionando momentos de prazer, ajudando em seu desenvolvimento psicomotor, incentivando a criatividade, a memorização, a coordenação e assim melhorando sua qualidade de vida.

No ensino infantil deve ser adotada uma metodologia embasada na ludicidade, pois, ela é a base para a psicomotricidade, pois irá proporcionar independência à criança, conseguindo fazer com que ela “brinque” e desenvolva a sua capacidade cognitiva e afetiva, juntamente com outras atividades o desenvolvimento motor será abordado em conjunto.

Com o resultado da aula avaliativa pós-intervenção da pesquisa de campo, podemos perceber o quanto as atividades lúdicas junto com o circuito psicomotor são de extrema importância para as crianças do ensino infantil. As atividades que realizamos durante as aulas desenvolveram suas áreas psicomotoras, melhorando seus movimentos, além de uma melhoria notável na relação entre os alunos, suas características afetivas e sociais apontaram resultados extremamente positivos. Assim, percebe-se que a atividade lúdica e a psicomotricidade devem ser estudadas pelo professor de educação física, para que com isso ele saiba aplicar atividades com objetivos específicos, não só fazer por fazer, sem nada em mente, sem um foco, sendo necessário compreender o grau de maturação de cada idade para aplicar tais atividades.

9. REFERÊNCIAS

AMARO, K. N. (2010). **Intervenção motora para escolares com dificuldade de aprendizagem**. Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina.

BARRETO, S. de J. **Psicomotricidade, educação e reeducação**. 2º ed. Blumenau: Livraria Acadêmica, 2000.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física/Secretaria de Educação fundamental**. Brasília: MEC/ SEF, 1998, v. 7.

BUENO, J. M. **Psicomotricidade Teoria e Prática: estimulação, educação e reeducação psicomotora com atividades aquáticas**. São Paulo: Lovise, 1998.

CAETANO M.J.D, S; C.R.A, Gobbi LTB. Desenvolvimento motor de pré-escolares no intervalo de 13 meses. **Ver. Bras. Cineantropom Desempenho Hum.** São Paulo, v.7, n 2, p. 5-13, mai/jun 2005.

CAPELLINI, A.S; SOUZA, A.V. **Avaliação da função motora fina, sensorial e perceptiva em escolares com dislexia**. São Paulo: Artes Médicas, 2008.

CHATEAU, J. **O jogo e a criança**. São Paulo: Summus, 1987.

COLL, C. et al. **Os conteúdos na reforma**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CORREIA, B. R. do P. G. O Brincar: fundamentos, implicações pedagógicas, decorrências sociais. **Revista Educação em Movimento**. Curitiba, v.2, n.5, p. 25-32, mai/ago, 2003.

COSTE, J. C. **A psicomotricidade**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

CURTISS, S. **A alegria do movimento na pré-escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

DARIDO, S. C.; SOUZA JÚNIOR, O. M. **Para ensinar Educação Física**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

DOHME, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003.

ERIKSON, E. K. **Identidade, juventude e crise**. Madrid: Taurus, 1980.

FONSECA V. **Manual de observação psicomotora: significações psiconeurológicas dos fatores psicomotores**. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.

FONSECA, V. da; MENDES, N. **Escola, escola, quem és tu? Perspectivas psicomotoras do Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FONSECA, V. **Psicomotricidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

FREIRE, J. B.; SCÁGLIA, A. J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

FREITAS, N. K. (2008). **Esquema corporal, imagem visual e representação do próprio corpo: questões teórico-conceituais**. *Ciências e Cognição*, 13(3), 318-324.

FUENTES, M.J. **O desenvolvimento social das crianças e a atividade física. Infância e sociedade**. Madrid: Edição Pirâmide, 1992.

GALLARDO, J. S. P. **Educação Física escolar: do berço ao ensino médio**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

GANANÇA M.M. et al. **A vertigem explicada: II Implicações Terapêuticas**. 7 ed. São Paulo. *Revista Brasileira de Medicina*, 1999.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2004.

INAN. Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição. **Pesquisa nacional sobre saúde e nutrição - Perfil de crescimento da população brasileira de 0 a 25 anos**. Ministério da Saúde do Brasil. 1990.

LE BOULCH J. **O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos seis anos**. Porto Alegre: Artes Médicas; 1982.

MARINHO. H. R. B. **A Ludicidade no processo de aprendizagem**. Web artigos. 2016. Disponível em: <www.webartigos.com>. Acesso em: 18 mar. 2017.

MELO, L; VALLE, E. O brinquedo e o brincar no desenvolvimento infantil. **Psicologia argumento**, Curitiba, v.23, n. 40, p. 43-48, jan/mar, 2005.

MESQUITA, I. Ensinar bem para aprender melhor o jogo de voleibol. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. de S. **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 327-344.

NEGRINE, A. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Propil, 1994.

NETO, C. **Fatores que podem influenciar os comportamentos lúdicos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

OLIVEIRA, V. B. de. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

ORLICK, P. **Livres para cooperar, livres para criar**. Barcelona: Paidotribo, 1990.

PAPALIA, D; OLDS, S. W. **Desenvolvimento humano**. 7 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PINHO, R. **O lúdico no processo de aprendizagem**. Web artigos. 2009. Disponível em: <www.webartigos.com>. Acesso em 12 de mar. de 2017.

RAU, M. C. T. D. **A Ludicidade na Educação: uma atitude pedagógica**. 2 ed. Curitiba: Ibpx, 2011.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed., São Paulo: Atlas, 2007.

SANTOS, S; DANTAS, L; OLIVEIRA, J.A. de. **Desenvolvimento motor de crianças, de idosos, e de pessoas com transtorno da coordenação**. 18 ed. São Paulo: Revista Paulista de Educação Física, 2004.

SNEYDERS, G. **Alunos felizes**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZABALA, A. **A prática educativa: Como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.